



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CIBERESPAÇO: UMA POSSIBILIDADE DE RECONFIGURAÇÃO DE PRÁTICAS LEITURA E DE ESCRITA NA EDUCAÇÃO

Sandra Maria Ferreira de Souza

Universidade do Estado da Bahia –UNEB Programa de Pós Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação-GESTEC, grupo de pesquisa GIPRES. sandramaria55@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo faz reflexões acerca do ciberespaço; um espaço onde as redes e os relacionamentos que se estabelecem são determinadas por temporalidades e territorialidades peculiares e múltiplas realizações se instituem sob a égide de valores e afinidades culturais. Esse é um espaço onde tudo que circula assume caráter multidirecional, virtualizante e de desterritorialização, portanto atividades de leitura e escrita podem se constituir mais atrativas. Esse artigo visa, ainda, contribuir com as discussões acerca da temática, numa perspectiva de busca de soluções para os problemas emergentes no contexto escolar referentes à resistência e às dificuldades de leituras e escrita. Enfatiza a necessidade do (re) direcionamento de práticas pedagógicas de leitura e escrita, atos geralmente indissociáveis, no ciberespaço, um universo hipertextual e dinâmico que vai além da sala de aula, visto que as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC- já se instituíram nas vivências sociais dos estudantes e a escola precisa se firmar enquanto instituição de educação que se integra e é integrada nesse universo de transformações constantes, caso contrário ficará às margem dessa sociedade.

Palavras – chave: TIC, Ciberespaço, Leitura e escrita.

Abstract

This article makes reflections on the cyberspace; a space where networks and relationships that are established are determined by temporality and peculiar territoriality and multiple realizations are instituted under the aegis of values and cultural affinities. This is a space where everything circulates takes multidirectional character, virtualizante and dispossession, so reading and writing activities can be more attractive. This article is also intended to contribute to discussions on the theme, a search perspective solutions to emerging problems in the school context regarding the resistance and difficulties in reading and writing. Emphasizes the need for (re) direction of teaching reading and writing practices, acts usually inextricably linked, in cyberspace, a hypertext and dynamic universe that goes beyond the classroom, as the Information and Communication -TIC- already established social experiences of students and the school needs to establish itself as educational institution that integrates and is integrated in this world of constant change, otherwise will be the margin of that company.

Key - words: ICT, Cyberspace, reading and writing.



1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, assistimos ao desenvolvimento de uma cultura centrada no desenvolvimento digital, que possibilita um “novo” modelo de comunicação, cuja estrutura, ao menos em tese, se apresenta mais dialógica e permeada de valores que lhes são peculiares. É a emergência da cibercultura - um movimento social que adentra todos os setores da sociedade - e do ciberespaço, que está intrinsecamente atrelado a ele e tem instigado muitas discussões e questões pelas suas possibilidades formativas para o sujeito.

Nessa dinâmica, pensemos no que se constitui o “Ciberespaço”, em qual é a relação que os sujeitos estabelecem com esse espaço num cenário em que muitas transformações perpassam as diversas esferas sociais. E, assim, reflitamos: Será que não estamos convivendo com um leitor diferenciado? Como são as imbricações leitura/texto? Quais as possibilidades de práticas pedagógicas de leituras e escrita no ciberespaço?

Percebe-se que na atual conjuntura, em termos históricos, as práticas de leitura e escrita de texto no contexto escolar ainda não atendem às perspectivas de uma sociedade digital, visto que boa parte dos professores ainda desenvolve práticas pedagógicas altamente dissociadas do universo virtual e hipertextual.

Na realidade, grande parte das práticas pedagógicas está carregada de receios e restrições e não atendem mais as perspectivas dos alunos, o que dificulta a incorporação de uma metodologia de acordo com os paradigmas educacionais pós-modernos, onde não há “limites” da leitura e de escrita. Sabemos que é preciso pensar que estamos diante de um novo homem/leitor do hipertexto, mas que também é autor, visto que escolhe o percurso a trilhar pelos hiperlinks que ligam diferentes textos e contextos, ou seja, estamos diante de uma nova situação social, onde o professor não pode ser obsoleto frente a esse novo mundo que se impõe.

O profissional da educação precisa usar as TIC em suas práticas. Sendo assim, a discursiva perpassa pela relação ensino aprendizagem de leitura, escrita e TIC, fazendo alusão ao universo hipertextual e a sua importância para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, práticas imprescindíveis à cidadania. Nesse processo de inserção de mídias digitais na escola, o ciberespaço pode se configurar importante, potencializar os processos de leitura e escrita e conseqüentemente o ensino e aprendizagem.



2. METODOLOGIA

Como abordagem metodológica, foi adotada neste trabalho a pesquisa qualitativa bibliográfica para auxiliar o desenvolvimento e construção dos conceitos, ideias e prenúncios. De cunho bibliográfico, o estudo é desenvolvido com base em livros e artigos científicos (neste caso, da área da linguística, educação e tecnologias da informação e comunicação), com a finalidade de obter referencial que contribua com agrupamento de ideias, dados e informações a serem discutidas e analisadas de forma a responder os objetivos propostos. A fundamentação teórica pauta-se nos estudos de Lévy (2009) por abordar virtualização do texto, a leitura como atualização e escrita enquanto virtualização da memória, Zuin (2010), Couto e Coelho (2013), Lévy (2003), Pretto(2007), Hetkowsky (2009) por abordarem a importância das Tecnologias da Informação e Comunicação no contexto escolar; Gutierrez (2004), Silva (2002)Primo (2005) e Lemos (2002), por refletirem acerca do cyberspaço como potencializador do processo de leitura e escrita; nos processos formativos e educativos da sociedade contemporânea, dentre outros teóricos. No que se refere à leitura e escrita, baseia-se em Bakhtin (2000) e Orlandi (2000), Kleiman (2007), Geraldi(1997), Freire (2006) e Silva (2008) por refletirem sobre processos de leitura e escrita e a constituição de sentidos para interação social inventiva e singular, além de abordarem a importância para a compreensão da realidade.

2. CIBERESPAÇO: UM UNIVERSO HIPERTEXTUAL POTENCIALIZANTE

As tecnologias da informação e comunicação (TIC) vêm transformando a sociedade constantemente e o computador tem sido um aparato de grande importância, nesse processo, por se constituir um suporte necessário à digitalização da informação e exposição em rede.

Diante dessa perspectiva, vale enfatizar um aspecto relevante referenciado por Lemos (2002): a transformação do PC (computador pessoal) em um CC (computador conectado) e deste ao CC móvel, a partir da invenção do Wi-Fi. Com o computador conectado, a relação que se estabelece é “todos-todos”; proporciona o “tudo em rede” e há possibilidades de nomadismos radicais e total mobilidade, o que evidencia, então, que suas potencialidades são ilimitadas. Com o exposto, contribui Lévy (2008):

O computador não é mais o centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

tecnocósmos. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em algum lugar, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si. (LÉVY, 2008, p. 44).

Ao afirmar que o computador não é mais o centro e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal “calculante”, Lévy (2008) amplia a visão das potencialidades do computador e a relação que a sociedade estabelece a partir e com esse aparato. É elucidado acima que o computador conectado é um universo “linkado” que está com o centro em toda parte em todo e qualquer tempo e circunferência em algum lugar-espaço, devido a seu inacabado e vivo processo de construção e de produção hipertextual. Esse espaço compreende formas diversificadas de relacionamentos tanto com o outro quanto com o mundo.

Ao abordar internet como espaço multidirecional, Lemos (2003) salienta que esse não pode e nem deve ser considerado como uma mídia no sentido em que se entende hoje, como mídia de massa, devido à relação que seus utilizadores estabelecem nesse universo. O fluxo da relação “internet e usuários” não é “um-todo”, ou seja, não há uma ação em específico. O que acontece nesse espaço hospedeiro de informações, em constante modificação, são possibilidades de comunicação interativas e informativas, onde se configura a liberdade total de conteúdo: a relação que se estabelece aí é uma relação “todos-todos”.

Nessa dinâmica, cibercultura é a “forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática, na década de 70” (LEMONS, 2002). pode ser compreendida como um fenômeno de re (ligação), de (re) integração em que se busca (re) estabelecer práticas sociais. É como se as práticas comunicacionais estivessem perdidas ou distantes do cotidiano e as pessoas precisassem encurtar a distância, facilitar as relações e torná-las mais próximas.

Esse sistema dinâmico de transformações tecnológicas direcionou a eclosão do “ciberespaço”, definido por Lévy (2008) como o “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores” que funciona como uma “teia comunicacional” que se tece e é tecida dinamicamente pelos que nela adentram. Afirma, ainda, que o ciberespaço é um dispositivo comunicativo e comunitário que se apresenta como um instrumento privilegiado da inteligência coletiva. Nesse sentido, corrobora Lévy (2008):



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Quanto mais os processos de inteligência se desenvolvem - o que pressupõe, obviamente, o questionamento de diversos poderes -, melhor é a apropriação por indivíduos e por grupos, das alterações técnicas e menores são os efeitos da exclusão e de destruição humana resultantes da aceleração do movimento técnico-social, (LÉVY, 2008, p. 29).

É evidente que nesse sistema dinâmico e paradoxal, que envolve o processo das alterações técnicas e o ciberespaço, há uma relação de dependência importante, tanto para um quanto para o outro. Nesse espaço, todas as funções e possibilidades da informática são distribuíveis e cada vez mais distribuídas. Na realidade, quando processos de *inteligência coletiva*, ou seja, a partilha de funções cognitivas, como a memória, a percepção e o aprendizado desenvolvem-se de maneira eficaz graças aos ciberespaços, o reflexo é notório. Isso acelera cada vez mais o ritmo das alterações técnicas e, conseqüentemente, das relações sociais; o processo de inclusão, de certa forma, se estrutura.

Na realidade, estamos assistindo a uma transição cultural que vem se construindo e sendo construída simultaneamente e que traz conseqüências para todos os setores da sociedade, alterando comportamentos e concepções, visto que um computador conectado ao ciberespaço pode recorrer às capacidades de memória de cá e a de outros da rede que também podem fazer o mesmo. Portanto, a participação ativa na cibercultura se faz necessária para o processo de redução da exclusão e destruição humana que se estabelecem devido aos acelerados avanços do universo tecno-social. Os indivíduos que não compartilham dessa rede estão sujeitos a permanecerem à margem desse processo, que tende a excluir mais radicalmente ainda aqueles que não entram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e apropriação.

Assistimos, então, a uma reconfiguração das relações físicas e eletrônicas, redimensionando um novo tipo de espaço: o digital. Esse fenômeno pode ser notado em escolas, bibliotecas, centros comunitários, etc. Evidencia-se a emergência do ciberespaço: um movimento social, liderado pela juventude metropolitana escolarizada, cujas palavras de ordem são: “(interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes”. (LÉVY, 2008, p. 123), altamente marcado pela “velocidade”, fenômeno importante nas transformações tecnológicas.

Na realidade, a internet é um espaço de comunicação aberta que ultrapassa os controles de mídia de massa e, por isso, tornou-se a questão política mais importante da cidade-ciborgue, justamente por ser o canal de múltiplas ralações e interações, pelo qual os grupos sociais adentram, cada vez mais, na busca constante dos mais variados tipos, afirma Lemos (2002):



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Grupos sociais estão estabelecendo relações de proximidade através das redes eletrônicas, como demonstram diversas práticas atuais como as relações sociais online, a ocupação do espaço real através de organização pelo espaço virtual, a disseminação da conectividade em espaço físicos da cidade com a tendência mundial do *wi-fi*, a emergência de projetos em cibercidades e a correlata institucionalização de processos de inclusão digital, ciberdemocracia, cibercidadania e governança eletrônica, (LEMOS, 2002).

Esse emaranhado de possibilidade conduz a um enorme gama de preocupações. O “fenômeno cibercultural” traz à reflexão a relatividade de espaço-lugar e de tempo e suas implicações nas relações humanas.

A velocidade das alterações na produção de informação e de conhecimento desencadeia a efêmera duração das mensagens e desobriga os sujeitos do exercício de retê-las, o que, na realidade, evidencia a necessidade de um permanente estado de aprendizagem e adaptação do novo, já que nesse novo “espaço-temporal” em que o conhecimento e a informação se apresentam é necessário tanto velocidade para aprender quanto para esquecer. Na realidade,

A aceleração é tão forte e tão generalizada que até mesmo os mais “ligados” encontram-se, em graus diversos, ultrapassados pela mudança, já que ninguém pode participar ativamente da criação das transformações do conjunto de especialidades técnicas, nem mesmo seguir essas transformações de perto. (LÉVY, 2003, p.28).

Mediante tantas transformações, podemos imaginar quão grandes são as necessidades, das dinâmicas educacionais, de profundas mudanças nas atitudes do professor enquanto mediador dos processos de ensino-aprendizagem. O cenário educativo deve se consolidar enquanto potencializador e virtualizador. Assim, é preciso “pensar” a situação social e entender que o profissional da educação não pode ser um mero expectador do novo mundo que se impõe, porque pode trazer resquícios à sociedade.

3. A VIRTUALIZANDO DA LEITURA E DA ESCRITA

A discursiva perpassa por questões que envolvem um processo já antigo de artificialização da leitura e concomitantemente do texto. Há de se considerar que no processo de leitura relações se entrelaçam e se estabelecem a partir de um constructo permeado por seleções e esquematizações que resultam na constituição de uma rede de remissões internas ao texto, em que há associação de outros dados e integração de palavras e imagens a uma memória pessoal, que se encontra em construção permanente.



Compreendamos, então que os dispositivos hipertextuais constituem de fato um potencial; uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura e, conseqüentemente, do texto, que é redimensionada pela atividade humana. O que percebemos é que quando o homem emerge num processo interativo de leitura, esta é totalmente permeada por fatores e traços socioculturais e pelas experiências. O “instante da leitura”, ou seja, o “ler” é a estruturação de um complexo sistema.

Na perspectiva de Bakhtin (2000) no ato da leitura de um texto, o sujeito/leitor ativa sistemas complexos que envolvem fatores psicológicos, emocionais e comportamentais, que vão desde suas consciências de gosto e valores, conhecimentos históricos, bases culturais até seu conhecimento sobre o mundo e sobre a forma de portar-se nele. Nesse instante, o que acontece, na realidade, é um processo interativo entre o sujeito/leitor, seu universo de expectativas e o texto. A realização da língua se dá nesse “instante interativo”.

Por muito tempo a leitura foi compreendida como sistema, “um meio de receber uma mensagem”, como momento de decodificação passiva. Na realidade, parecia não se perceber ou conhecer a existência da teia de sentidos e de experiências que integram e acoplam o processo de leitura, nem tão pouco que “o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico” Lévy (2009). Nessa perspectiva o potencial de virtualização do texto existe desde a sua origem mesopotâmica, mas constitui, desde sempre, um fenômeno resultante de responsabilidade tanto do autor quanto do leitor.

O autor de um texto, por deter a palavra em tempo e espaço extensos, monologando, deve ter claro evidente o tamanho de sua responsabilidade para que o texto reúna informação, relevância e coerência. O leitor, a primeira instância, deve crer que autor tem algo dizer no texto e o dirá de forma objetiva e coerente. Respeitados esses critérios, o leitor, ao fazer imersão no processo de leitura de um texto, atribui-lhe sentido, e, conseqüentemente, acaba por lhe impulsionar uma “cascata de atualizações” (LEVY, 2009, p. 35). O que podemos observar, então, é que existe entre autor e leitor “uma responsabilidade definida como mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contatos sejam mantidos, apesar das divergências possíveis de opiniões e objetivos”. (KLEIMAN, 2016).

Nessa estância, o texto se configura um componente que reflete a dinamicidade da vida, que tem sentidos e contextos criados e que precisam ser apreendidos, portanto não é admissível apenas referenciar.



No ciberespaço, cenário de uma civilização emergente, as tendências da evolução técnica se apresentam nas comunicações, principalmente na internet onde, a cada minuto, novas pessoas acessam novos computadores que são interconectadas, e novas informações são injetadas na rede. Se refletirmos, perceberemos que a internet, nada mais e nada menos é do que um texto produzido coletivamente no ciberespaço tecnicamente interligados por computadores a uma rede universal. Lévy, por sua vez, assinala que esse é um cenário resultante de um fenômeno social:

Eis aí a tese que vou tentar sustentar: a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes. (LÉVY, 2008 p. 123).

Pode-se perceber que o ciberespaço, denominado por Lévy como resultante de movimento social em que prevalece interconexão, incorpora uma gama enorme de possibilidades, interfaces, comunidades virtuais e etc, que conduzem o deslocamento da leitura e da escrita para um “novo formato”, o “hipertexto”, que tem se constituído modelo gerenciador do conhecimento, mas que não se impõe a substituir ou suprimir outros formatos culturais.

O hipertexto digital pode ser compreendido enquanto conjunto de nós, de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos e sequências sonoras que não se deduz do texto fonte, bem diferente dos hipertextos anteriores à informática. A pesquisa nos índices, o uso dos instrumentos de orientação e a de passagem de um nó a outro se faz muito rapidamente, em segundos.

É importante perceber que a articulação do hipertexto, da terceira geração, enquanto uma linguagem híbrida capaz de impulsionar, de potencializar a informação para o centro de circulação, para a “rede” onde são ancoradas as significações discursivas que podem se revigorar a partir da superação dicotômica dos interesses da tradição da escrita e da oralidade. Nessa perspectiva, o hipertexto propicia um imaginário híbrido, que leva em “conta não apenas as formas multidirecionais de leitura, mas também e, sobretudo, a abertura dos documentos à intervenção dos participantes do sistema” (PRIMO E RECUERO, 2006).

Uma narrativa no universo virtual desloca o centro de circulação da informação para redes de significações discursivas. O que acontece é a hipercontextualização, um movimento inverso da leitura: uma reserva textual e instrumentos de composição são produzidos a partir de um texto inicial, pelos quais um navegador projeta uma série de outros textos. O texto, nesse universo, é transformado em uma problemática textual, em decorrência do acoplamento homem/máquina.



Nesse instante, então, “se pode falar de virtualização e não mais apenas de potencialização” (LÉVY, 2009, p. 42).

Para uma maior compreensão da virtualização da escrita é preciso levar em consideração seu potencial de dessincronizar e de deslocar, resultantes do potencial comunicacional de separar-se no tempo e no espaço da fonte emissora. O ato da leitura, na realidade, é o momento de recepção da mensagem que se dá distante, fora do contexto de criação. Sendo assim, é preciso ressaltar que no processo de escrita, os sistemas de enunciação devem se constituir autossuficientes, sem dependência do contexto, mas precisam seguir os critérios de universalidade científica, pois essa condição é de suma importância no processo de exteriorização, de desterritorialização e de virtualização da informação e da memória.

Como se pode perceber, o processo do qual o hipertexto emerge é transversalizado pela teoria da recepção, que inverte a lógica da centralidade para o processo de significação, onde o sentido do texto se dá a partir do momento em que o leitor se apropria dele; atualiza seus significados. É nesse momento que há a virtualização do texto.

Mediante esse contexto, percebemos que as narrativas digitais superam as limitações da tradição da oralidade e da escrita, visto que não isolam nem fragmentam o sentido do texto ou do discurso. Muito pelo contrário, institui-se um processo de ampliação da rede de significados, visto que o suporte digital possibilita novas formas ou tipos tanto de leituras quanto de escritas coletivas, ou seja, uma sinergia maior das variáveis da oralidade e da escrita.

3. CONSIDERAÇÕES

Diante do que foi mencionado, não há como negar que as potencialidades do leitor/escritor nesse universo cibernético se ampliam. A partir do hipertexto toda leitura torna-se um ato de escrita e vice versa. O leitor pode, além de modificar as ligações, acrescentar textos e imagens, conectar hiperdocumentos, fazendo de dois hipertextos um e ou traçar ligações hipertextuais entre documentos. A web é um universo hipertextual em crescimento ininterrupto, onde os documentos se constituem instrumento de escrita e leitura onde a o processo só se constrói coletivamente. Assim a linguagem hipertextual tornou o espaço de discussão capaz de elaborar diretrizes orientadoras do processo de orientação global, pois articula tanto o universo simbólico quanto a dinâmica complexa e plural do mundo contemporâneo.



Diante disso, evidencia-se que para “atuar” nesse “novo universo”, é necessária uma escola em que os professores sejam e estejam conhecedores, engajados e comprometidos com o uso das tecnologias da informação e da comunicação, desprendidos de receio do novo e sejam conscientes de que a “tecnologia reestruturou profundamente a consciência, a memória humana e a busca de soluções para grandes e pequenos problemas” (HETKOWSKI, 2004, p. 94).

As instituições de ensino são espaços sociais que precisam fazer-se perceber como importante no processo de formação de proficiência leitora e de escrita; deve utilizar-se do espaço cibernético e das mídias colaborativas de que esse dispõe, para fazer uma educação mais inclusiva. É urgente conhecer e analisar as variadas interfaces virtuais e suportes textuais que podem promover leitura(s) multilinear(es) e multidirecional(ais) e desmistificar a concepção retrógrada de educação, cuja aprendizagem está centrada na relação educador – educando e restrita ao espaço físico escolar. Precisa direcionar mais o discurso e as práticas de leitura e a escrita para as relações dialógicas e para os gêneros textuais emergentes nos ambientes virtuais, a fim de que o sujeito/aprendiz amplie seus horizontes discursivos e os aprimore.

Vale salientar que a concepção de professor enquanto “conhecedor, engajado e comprometido”, perpassa pela compreensão de que o quadro, o giz e o livro didático outrora considerados satisfatórios para o processo de ensino e aprendizagem, continuam cumprindo o seu papel, mas já não são suficientes, uma vez que no mundo virtual, conceituado por Lévy (2008), os alunos se sentem livres para escrever e ler os assuntos que os interessam.

Mediante o exposto, uma certeza: se no ciberespaço, com apenas um comando, é possível realizar inúmeras atividades como pagar contas, fazer compras, cruzar fronteiras e conhecer pessoas, estabelecer redes sociais, enfim, com certeza também é possível atividades de leitura e a escrita multidirecionais. A solução de alguns problemas educacionais como a baixa proficiência de leitura e escrita, às vezes, pode está muito próxima, mas não conseguimos enxergar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. [Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller]. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.

HETKOWSKI, Tânia Maria e ALVES, Lynn Rosalina. **Tecnologias Digitais e Educação: novas (re)configurações técnicas, sociais e espaciais**. Salvador: EDUNEB, 2011.

HETKOWSKI, Tânia Maria. **Políticas Públicas: Tecnologias da Informação e Comunicação e Novas Práticas Pedagógicas**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2004.

KLEIMAN, Ângela B. & Marilda C. Cavalcanti (orgs.). 2007. **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 360 p.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994. _____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2000.

PRETTO, Nelson de Luca (org.). **Tecnologias e novas educações**. Salvador, BA: EDUFBA, 2005.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Interação mediada por computador: comunicação, Cibercultura e cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Tessituras (hiper)textuais: Leitura e escrita nos cenários digitais**. Salvador, Quarteto, 2008.

SOUZA, Sandra Maria Ferreira de; NOGUEIRA, Cristiane Silva Mendes; OLIVEIRA, Balbina Santos de. **As tic nos processos de leitura e escrita na escola: uma reconfiguração de práticas**. Trabalho publicado na íntegra nos Anais do III Simpósio Internacional de Inovação em Educação - ISBN: 978-85-65890-03-8. <http://www.inovatec.tv.br/inova2015/> Acesso em 04/07/2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

LIMA JR, Arnaud Soares de. **A escola no contexto das tecnologias de comunicação e informação: do dialético ao virtual**. 1. ed. Salvador: ed. Eduneb. 2007. 117 p.

ZUIN, Antônio. A. S. **O Plano Nacional de Educação e As tecnologias da Informação e Comunicação**. In: Revista de Ciência da Educação. Caminhos na Construção do Plano Nacional da Educação: Questões Desafiadoras e Embates Emblemático. Nº 112 V.31(JUL/SET - 2010). Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n112/16.pdf>. Acessado em: 23/09/2015.